

"Brasil perdeu chance de regulamentar conversão da dívida em capital de risco"

por Ana Lúcia Magalhães
do Rio

"O Brasil perdeu a oportunidade de regulamentar a conversão da dívida externa em capital de risco e agora nem a mais liberal das regulamentações ajudará o País. A demora em estabelecer as regras provocou uma perda, só neste ano, de US\$ 2 bilhões." A opinião, em tom de desabafo, é do empresário e superintendente-geral da Bolsa Brasileira de Futuros (BBF), Luiz César Fernandes.

"NÃO ACREDITO EM ACORDO"

Fernandes, que também preside a corretora Pactual, está bastante cético em relação a um acordo entre o Brasil e seus credores externos. "Não acredito em um acerto, pois tem muita aresta para aparar. Já estivemos em condições mais favoráveis para renegociar a dívida, e, agora, novamente perdemos uma boa oportunidade, devido à inflexibilidade brasileira", frisou Luiz César Fernandes.

Na sua opinião, o Brasil se sentiu forte, em função das dificuldades que os bancos estrangeiros estão enfrentando, face à queda das principais bolsas de valores internacionais, e não quis ceder nada. Luiz César Fernandes criticou os negociadores brasileiros, a quem chamou de "burocratas e tecnocratas".

"Existe uma diferença entre uma renegociação de curto prazo e uma de longo. Não podemos é permitir que falte crédito comercial ao País. Para mim, os nossos negociadores não estão conseguindo encontrar o ponto de equilíbrio. Precisamos ser mais flexíveis e isso não representa submissão, pois em qualquer mesa de negociação ninguém se submete a ninguém. O negociador tem de saber que perde e que ganha", comentou.

Com o "crash" da Bolsa de Valores de Nova York, o

projeto de conversão da dívida externa brasileira fica totalmente prejudicado, segundo Fernandes. Ele entende que, agora, nenhum investidor vai querer pensar no Brasil.

O efeito deste "crash", iniciado em Nova York e que se estendeu sobre as principais bolsas de valores internacionais, no mercado acionário brasileiro é, de acordo com Fernandes, psicológico, em um primeiro momento. Para ele, tecnicamente não existe razão que justifique a queda das bolsas brasileiras, que não têm interligação com os mercados externos.

O superintendente-geral da BBF acha que a queda da bolsa nova-iorquina sinaliza uma dificuldade da economia mundial. No seu entender, existe duas saídas para a crise atual: os Estados Unidos cortam os seus déficits público e comercial, o que provocará a recessão, ou muda-se o tratado de Bretton Woods, de forma a permitir que os governos do Japão e da Alemanha façam gastos com armamentos.